

Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher: conselhos literários de Elisa Lemos

Mirian Cristina dos Santos¹
Maria Ângela de Araújo Resende²

RESUMO: Mediante teorias acerca de arquivos (TOLENTINO, 2001) e crítica feminista (HOLLANDA, 1993), analisamos conselhos literários de Elisa Lemos, cronista sanjoanense do século XIX. Discutimos os critérios de valoração e a releitura da tradição empreendida por Lemos, por meio de levantamento de dados acerca de escritores citados, sobretudo em relação a questões como educação e emancipação feminina no *fin de siècle*.

Palavras-chave: Elisa Lemos; Educação; Mulheres

1. Mulheres letradas na imprensa oitocentista

Na segunda metade do século XIX, surgiram no Brasil vários periódicos dirigidos por mulheres, cujos espaços de escrita se constituíam através de crônicas, comentários sobre moda, poemas e artigos que privilegiavam o *bello sexo*, além de textos e artigos que reivindicavam os direitos femininos. Dentre esses periódicos, *O Jornal das Senhoras* (1852), o *Belo Sexo* (1862), *O Sexo Feminino* (1875) e *A Família* (1888). Entre as diversas reivindicações das editoras e colaboradoras, as mais recorrentes eram a instrução e a emancipação feminina. Mais do que um local de afirmação, esses impressos consolidaram-se como espaço para o desenvolvimento da expressão e divulgação de escritoras, além de constituírem redes de apoio entre elas.

Diversas escritoras do século XIX que publicaram seus primeiros textos nos citados jornais e também em outros, editados e dirigidos por homens, são atualmente reconhecidas por seu trabalho intelectual, em uma época de efervescência literária e cultural. Entre elas: Júlia Lopes de Almeida, Cândida Fortes, Narcisa Amália, Anália Franco etc. Ausente de dicionários e antologias, encontramos Elisa Lemos, uma jovem cronista residente em São João del-Rei . Elisa Lemos colaborou em periódicos como *A Família*, do Rio de Janeiro, dirigido por Josefina Álvares de Azevedo, e *A Patria Mineira*, editado em São João del-Rei, por Sebastião Sette Câmara, de quem era esposa .

¹ Mestranda em letras na Universidade Federal de São João del-Rei. Bolsista REUNI/UFSJ.

² Professora orientadora Promel/ UFSJ.

O periódico *A Patria Mineira, orgam da idea republicana* (1889-1894) tinha como projeto disseminar os ideais de República, através de seus editoriais, artigos de opinião, crônicas, contos históricos e romances da seção Folhetim. Considerando a imprensa como um dos grandes veículos responsáveis pela formação dos futuros cidadãos e preocupado em aumentar o número de adeptos à causa republicana, uma das estratégias deste jornal foi direcionar a leitura feminina. Através da publicação de textos de autoria feminina ou de chamamentos voltados para o *bello sexo*, seu editor, Sebastião Sette, almejava conduzir o olhar e as reflexões das leitoras em favor da República (SANTOS, 2009)³.

A Família, Jornal Literário dedicado a educação da Mãe de Família (1888-1897), tinha como finalidade intervir na ordem social e política do seu tempo, de modo a criar condições mais justas e igualitárias entre ambos os sexos (OLIVEIRA, 2006). A primeira causa defendida pelo periódico de Josefina Álvares de Azevedo em prol da elevação do *status* da mulher na sociedade brasileira foi a instrução.

Elisa Lemos, apesar de seus 20 anos, quando escreveu nesses periódicos, seus textos já possibilitavam entrever uma ensaísta consciente do papel marginal ocupado pela mulher na sociedade acenando para um tipo de produção ensaística, de caráter doutrinário e pedagógico. Em *A Patria Mineira*, após algumas publicações, conquistou uma coluna fixa em que convocava mulheres a ocuparem com responsabilidade sua função na sociedade: respeitáveis mães, esposas e filhas, mas também, a exemplo de outras feministas da época, divulgava ideais de uma nova mulher, balizados pela instrução e participação pública. Ao analisar a esfera de atuação imposta ao sexo feminino no século XIX, Ricardo Oliveira (2006) afirma que

(o) discurso masculino no século XIX revela um ideal de atuação das mulheres que estaria definitivamente ligado à vida em família e à maternidade. Mesmo posições mais liberais quanto à presença feminina na esfera pública, quando tinham de estabelecer o local privilegiado das mulheres, aí as enquadravam (OLIVEIRA, 2006, p.1)

Considerava-se o lar como *habitat* natural da mulher, pois aquele era o aconchego propício à costura, à educação da prole e, em alguns casos, às práticas religiosas – embora, por vezes, as mulheres fossem convocadas a participar no espaço público.

No presente artigo analisaremos um texto da coluna *Palestrando em São João del Rey*, assinado por Elisa Lemos, no qual a autora indica leituras adequadas para as *juvens donzellas* no *fin de siècle* (*A Patria Mineira*, Nº 196, p.2, col.5). Discutiremos o texto e os critérios de

³ Estes foram os resultados de nossa pesquisa de iniciação científica financiada pela Fapemig. O texto foi publicado no site http://www.cnpq.br/premios/ig_genero_4/mencau_mirian_cristina.pdf, este ano, como resultado de menção honrosa no concurso nacional *Construindo Igualdade de Gênero*.

valoração utilizados pela autora mediante teorias contemporâneas acerca de arquivos, bem como da crítica feminista. Serão feitas, também, algumas considerações quanto à educação feminina no século XIX, mediante levantamentos acerca dos escritores citados por Lemos em relação a questões como educação e emancipação feminina.

Mas por que trabalhar com fontes primárias e arquivos? De acordo com Tolentino (2001) “o trabalho em fontes primárias tem como objetivo o resgate de produções culturais às vezes esquecidas, desconhecidas ou mesmo adormecidos nas estantes das bibliotecas ou em acervos particulares” (p.2). Já para Resende (2005), “o estudo em fontes tem o propósito de compreender as marcas de identidade e alteridade de nosso tempo” (p. 13). Nesse sentido, para pensar a contribuição de Elisa Lemos para o pensamento acerca da desigualdade de gênero no *fin de siècle* e seu não-reconhecimento pela história cultural e mesmo pela crítica feminista (vide a ausência de referências sobre a autora na fortuna crítica sobre as mulheres letradas e intelectuais) recorreremos aos estudos de fontes primárias. Isto é, o trabalho em fontes primárias nos permite repensar a forma como textos escritos por mulheres foram esquecidos na narrativa da história oficial e da historiografia literária brasileira do século XIX.

Tal narrativa gendrada da nação, pensada em termos de Brasil por Rita Terezinha Schmidt no texto “Escrevendo gênero e reescrevendo a Nação” (2002), propõe a ampliação do cânone literário e de formas de leitura de textos, pelo questionamento de pressupostos de classe, gênero e etnia que constituiriam o cânone. Isto empreendido por meio da leitura de produções culturais de escritoras do século XIX.

Ao traçar algumas perspectivas dos estudos feministas contemporâneos, Hollanda (1993) discute possíveis abordagens críticas, das quais consideraremos aquela referente à questão da “escritura feminina”. Tal vertente atentaria para a produção textual de mulheres, levando-se em conta fatores históricos de épocas específicas, principalmente os séculos XIX e XX, realizando a releitura dos textos de escritoras em livros, periódicos, suplementos literários, entre outros, com o intuito de resgatar obras que a crítica literária ou cultural silenciou ou esqueceu.

Mary Del Priore (1998), em *História das Mulheres*, enfatiza que o “apagamento” da voz feminina foi recorrente ao longo da história. Ao tratar do silenciamento imposto às mulheres, a autora ressalta que estas foram excluídas duas vezes: numa primeira vez, pela dominação efetiva do poder masculino e, numa segunda vez, foram escondidas pela História Oficial que as mantinha à sombra da atuação masculina.

2. A maternidade e a educação feminina no século XIX

Por volta de 1850, na cultura brasileira dissemina-se uma concepção idealizada do papel social da mulher como mãe, já divulgada na Europa desde o século XVII. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que ocorria o processo de modernização da capital brasileira, Rio de Janeiro, a partir da década de 1880, vertentes de pensamento ligadas ao Positivismo tentavam redefinir os comportamentos da sociedade da época em um processo disciplinador e civilizatório.

Ao final do século XIX, influenciadas por escritores, sobretudo, franceses – que através do discurso em prol da educação feminina pregavam a supervalorização das mães e esposas – escritoras de renome no Brasil do final do século XIX, como Julia Lopes de Almeida, e também a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho passaram a expressar apelos pela educação e emancipação feminina. Constância Lima Duarte (2002) observa, sem desmerecer as lutas femininas, a incorporação desses discursos como mais uma forma de enclausuramento da mulher. Contudo, a adesão a esses discursos pode também ser percebida como uma alavanca para as lutas feministas, uma vez que essas mulheres utilizavam o discurso hegemônico vigente em proveito próprio.

Quando o assunto era a educação da mulher, os ensinamentos deveriam ser voltados para o bem da família. De acordo com Constância Lima Duarte (2002), “os ideais de obediência e submissão deveriam ser transmitidos através de ensinamentos morais, e todas concordavam que era preciso educá-las porque elas educariam o homem de amanhã” (p. 275). Observa-se que o ideal de mulher instruída propagou-se após a Proclamação de República que “pode ser vista como o momento a partir do qual os novos modelos femininos passaram a ser mais reforçados” (PEDRO, 1998, p.291). Naquele momento, compreendia-se que os filhos da nação em construção deveriam possuir uma educação cuja finalidade seria o bem da pátria, já que são às mulheres, *como* “mães, que a pátria suplica bons cidadãos” (ALMEIDA *apud* DUARTE, 2002, p.279).

A maioria das escritoras da imprensa oitocentista procurava esclarecer as leitoras, dar informações relevantes para instruí-las e implantar nas mães de família o espírito de boas mães e esposas. Segundo Maria Ângela D’Incao(1997):

Desde o século XVII ampliaram-se na Europa a preocupação dos adultos com a infância e a partir do século seguinte as mulheres passaram a ser valorizadas em seu papel de mães e responsabilizadas pela vida e educação das crianças. (D’INCAO, 1997, p.284)

Sendo assim, “no centro do palco, mais uma vez, ficava a mãe” (TELLES, 1997, p.429), principalmente a mãe burguesa, com a responsabilidade de ser um exemplo de

virtuosidade e de “mãe educadora”. Assim, quando pensamos em educação feminina no século XIX, estamos falando de uma classe aristocrática, pois nesta época ainda não havia sido implantado no Brasil um sistema educacional universal que atendesse às classes menos favorecidas. Ainda assim, as mulheres da classe letrada recebiam uma educação básica, o suficiente para ensinar as primeiras letras e as operações matemáticas a seus filhos. Segundo Bárbara Heller (2002) isso acontecia porque “temia-se que mulheres letradas pudessem ler romances considerados perigosos à boa conduta e pudessem trocar bilhetes amorosos, por isso suas leituras deveriam ser vigiadas pelo marido, pelo pai ou pela igreja” (HELLER, 2002, p.248). A autora ressalta que até mesmo nos textos literários, pouquíssimas personagens eram apresentadas com habilidades de leituras. Na maioria das vezes, tais personagens letradas, sofriam algum tipo de punição quando “possuíam livros em suas mãos”. Tais aspectos representam a negatividade do pensamento em relação à educação feminina da sociedade do final do século XIX e início do XX, contra o qual as escritoras que defendiam a educação das mulheres tinham que lutar.

3. Qual é o dever da mulher?

Em 1893, é publicado em *A Pátria Mineira* um dos artigos da coluna *Palestrando em S. João del Rey* de Elisa Lemos, que reproduz o discurso da responsabilidade da mulher em relação ao bem-estar da família: “Sendo assim, qual é o dever da mulher? – Formar almas boas e enérgicas, que estejam sempre prontas para lutar” (LEMOS, 1893, p.2)⁴. Observa-se que a educação dos filhos e o zelo pela manutenção da família são de responsabilidades da mulher e aquilo pelo qual é mister lutar. Segundo Resende (2005)

(...) o verbo "palestrando" aponta uma dicção específica de um sujeito da enunciação que tem consciência de seus poderes (...). Reforçando os códigos de moral da época, com o intuito de preservar a pureza das jovens incautas, chama para si o lugar de "esposa, mãe e mulher educadora", que, através da palavra, estabelece um contrato com suas leitoras. Através delas - as mães - a moral da família estaria assegurada. Confirma-se aqui, a mulher como sentinela e guardiã do seu patrimônio afetivo e moral (RESENDE, 2005, p.199).

Essa perspectiva, de colocar nas mãos da mulher todo o peso da educação dos filhos, não é apenas uma característica dos editoriais de Lemos, mas um aspecto bastante enfatizado pelas escritoras na sociedade brasileira do final do século XIX. Merece destaque o artigo escrito por Júlia Lopes de Almeida, publicado na revista *A Mensageira* (1897-1900), em que a escritora defende a instrução feminina em prol de uma melhor educação para filhos.

⁴ Doravante todas as citações de Lemos serão referentes ao texto da coluna “Palestrando em São João Del-Rei”, publicada no periódico *A Pátria Mineira*, N.196, 06 de abril de 1893, p.2, col.5.

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora de seus deveres, marcará, funda, indestrutivelmente, no espírito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos (ALMEIDA, 1897, p.3).⁵

Nesse sentido, observa-se nos textos de escritoras e cronistas do final de século, uma reivindicação aos direitos à instrução voltada para o lar. Citando Almeida, Hahner (1981) destaca que a mulher intelectual, ao estar “(e)screvendo em casa, ‘em um cantinho tepido de jardim’, cercada de seus filhos amorosos, ela(s) colocava(m) a família no centro de seus argumentos” (HAHNER, 1981, p.89). Isso acontecia porque o *locus* de atuação feminina ainda era o espaço privado, e era extremamente necessário, naquele momento de formação da nação brasileira, a reafirmação de determinados valores burgueses e patriarcais.

Aproveitando deste espaço na imprensa, as mulheres letradas, além dos conselhos relacionados à vida cotidiana, chamarão a atenção das mães de família para o “perigo” da leitura dos “romances doentios para as donzelas. (Pois) as histórias de heroínas românticas, longorosas e sofredoras acabavam por incentivar a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento” (D’INCAO, 1997, p.229).

Elisa Lemos, em seu ensaio, destaca que as mães deveriam vigiar a leitura de suas filhas: “julgamos um ponto importantíssimo para as mães, a leitura que deve ser fornecida a suas filhas(...) Referimo-nos á espécie da litteratura que convém a donzella”. A autora deixa claro que as mães deveriam estar cientes do que suas filhas liam. Lemos, como membro da aristocracia letrada, enfatiza ainda, que tamanha responsabilidade só seria possível para aquelas mães que fossem instruídas. “A mãe, desde que seja uma senhora instruída, é a única pessoa que por meio de escolha acertada influenciando no coração, póde despertar na alma da filha o gosto pelos bons auctores”. Observamos, em tal discurso, tanto a necessidade que as mães fossem educadas quanto o apelo para o lado emocional da mulher. Conforme enfatizado por Norma Telles (1997) era comum, no século XIX, a mulher ser definida como ser efetivamente emocional e frágil. Em tais discursos estava embutida a idéia que a mulher falava com o coração e o homem com a razão.

Para problematizar a questão da leitura, Elisa Lemos atenta para o extremismo das mães que ou “condenam as filhas a completo jejum, ou franqueam-lhes iguarias de todo o gênero”. Segundo a autora, as mulheres que não lêem, estão condenadas à completa ignorância e as que lêem tudo apenas conseguem decorar alguns termos que utilizam em todas as

⁵ Utilizamos aqui o texto de Julia Lopes de Almeida, “Entre Amigas”, publicado no primeiro número da revista *A Mensageira*, de 1897, e reeditado em Edição Fac-Similar pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em dois volumes em 1987.

conversas. Dessa forma, é possível perceber no discurso de Lemos que uma das funções maternas é selecionar os livros a serem lidos pelas filhas, para não as condenar à alienação.

4. *Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher*

Elisa Lemos, para auxiliar as mães de família na indicação de obras para suas filhas, dá exemplos de escritores franceses que não poderiam faltar nas estantes das moças *donzellas*. São eles: Aimé Martin, Fenelon, Rousseau, Mme. de Remussat, M. Landriot. Entendemos que Lemos, além de seguir uma tradição de escritoras leitoras dos citados escritores, busca transmitir para a nova geração, essa mesma tradição de leitura. Mesmo referindo-se à poesia, nos valem do conceito de Octavio Paz, (1984) para pensar a tradição: “há épocas em que o ideal estético consiste na imitação dos antigos; há outras em que se exalta a novidade e o inesperado” (PAZ, 1984, p.19). Observamos que Elisa Lemos, ao indicar caminhos de leituras adequadas às jovens e mulheres, segue uma tradição das escritoras de seu tempo, por exemplo, a referência a Aimé Martin. Esse escritor francês influenciou toda uma geração de escritoras do final do século XIX: Josefina Álvares de Azevedo, editora do jornal *A Família*; e Francisca Senhorinha da Motta Diniz, editora do jornal *O Sexo Feminino*. A primeira publicou em seu periódico vários fragmentos do livro *Educação das Mães de família*, de Martin; e a segunda, trazia na parte superior dos números do seu periódico a frase: “É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem”, também do referido autor.

Observa-se, também, no discurso de outro autor citado por Lemos, Fénelon, uma proximidade com os ideais feministas, da época, relacionados à educação da mulher. Segundo Constancia Lima Duarte (2002), o livro *Educação das Meninas*, de Fénelon, publicado em 1862, enfatizava que era preciso educar as mulheres, pois sua *má educação é mais perniciosa que a dos homens*. Também o filósofo Jean Jacques Rosseau, presente na “pedagogia” feminina de Elisa Lemos, ratifica a seleção de obras que conduziriam a conduta das mulheres do seu tempo. Rosseau, segundo Duarte, contribuiu decisivamente com seus escritos na formulação dos novos preceitos relacionados à mulher. Para o filósofo francês, “é das mulheres que depende a primeira educação dos homens, seus costumes, paixões, prazeres e até a felicidade” (ROUSSEAU *apud* DUARTE, 2002, p.278).

Ao escolher e valorizar tais filósofos e pensadores como indispensáveis à biblioteca de uma moça, Lemos os classifica como “moralistas criteriosos e glorificadores da mulher, os quaes, lidos com a devida atenção, desvendam á alma o tesouro da sublimidade”. Observa-se

que os autores considerados úteis por Lemos são aqueles que privilegiavam a educação feminina e escreviam romances considerados morais.

5. *Bons companheiros para um espírito moço*

Além de citar nominalmente os filósofos que mereciam ser lidos pelas moças, Elisa Lemos também chama a atenção para os romancistas de destaque. São eles: Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Castilho, Maria Amália Vaz de Carvalho e Michellet. De acordo com a escritora, “esses estilistas energéticos e finos observadores ensinam(...) a suportar com altivez e dignidade os revezes da fortuna, e por conseguinte, são bons companheiros para um espírito moço”.

Acreditamos que a identificação das mulheres letradas, em especial Elisa Lemos, com romancistas como Alexandre Herculano, considerado ao lado de Almeida Garrett como um dos pais do romantismo em Portugal, advém da convivência do mesmo com os ideais relacionados, também, à educação feminina. Herculano escreveu, em 1858, um texto ao qual, em princípio, não tivemos acesso, mas que pelo título podemos vislumbrar sua contribuição à educação feminina, o opúsculo *Manifesto da Associação Popular Promotora da educação do sexo Feminino*.⁶ Outros escritores portugueses citados por Lemos foram Camilo Castelo Branco e Alexandre Magno de Castilho: o primeiro foi considerado um dos mais representativos autores do romantismo português. Sua obra mais conhecida é *Amor de Perdição*, publicada em 1862. Quanto a referência a Castilho, destacamos o poema *O Castigo Merecido* (Conto a Minha Filha), que enfatiza o dever de obediência da filha para com os pais.

Para falar sobre o pensador francês, Jules Michelet, utilizaremos as considerações de Duarte (2002):

Em *La Femme*, o autor elabora o discurso ideológico dominante e dirige-se, ora aos maridos e noivos aconselhando-os a melhor forma de tratar suas noivas e esposas; ora às mulheres, orientando-as como agir e o que esperar de seus homens (...) O autor projeta uma imagem de esposa dócil, frágil e dependente (...). (DUARTE, 2002, 278)

A autora afirma, também, que Michelet era mais um francês que tinha uma aceitação positiva entre as escritoras do século XIX. De acordo com a crítica feminista, Júlia Lopes de Almeida o considerava o “doce” e Maria Amália Vaz de Carvalho recomendava a sua leitura.

⁶ Os opúsculos de Herculano consistiram de importantes artigos de teorização literária publicados na revista lisbonense *Repositório Literário*, sendo alguns relacionados a questões públicas e outros a controvérsias e estudos históricos.

Dentre os autores portugueses pertencentes ao cânone literário citados por Lemos, destacamos a presença da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho. Mencionaremos dois pontos que nos chamam a atenção. O primeiro seria o fato de, entre todos os escritores, o único nome que Elisa Lemos registrou de forma completa foi o da escritora portuguesa; e o segundo, seria o fato de Maria Amália Vaz de Carvalho ser a única mulher citada dentre um grupo de escritores canônicos. Pode-se inferir que Lemos não tenha registrado o nome completo dos outros autores, por julgar que estes já seriam conhecidos o suficiente para precisar dessa formalidade ou que, sendo Carvalho a única mulher de grupo tão seletivo de autores, a cronista preferiu dar destaque ao nome da “colega”.

Maria Amália Vaz de Carvalho começou a participar da vida literária somente após a morte de seu marido, Gonçalves Crespo. Segundo Elaine Cuencas Santos (2000), ainda casada, Carvalho publicou junto com o marido, em 1876, o livro *Contos para os nossos filhos*. Na época, segunda a lei, a mulher só poderia publicar seus livros com o consentimento do marido. Após a publicação do seu segundo livro, *Cartas a Luiza: Moral, educação e Costumes*, em 1886, que teve boa aceitação, Carvalho afirmou-se como “mentora da regeneração da condição feminina” (SANTOS, 2000, 98).

Nessa época, Carvalho pertencia a uma vertente conservadora, que além de defender “uma educação para as mulheres que as tornariam companheiras úteis e encantadoras, rejeitava a idéia da mulher trabalhadora na esfera pública, bem como do voto feminino” (HAHNER, 1981, 93). Já nos últimos anos do século XIX, é reproduzido um artigo de Carvalho, na revista *A Mensageira* (1897-1900), em que esta expõe sua dificuldade anterior em aceitar a idéia da emancipação política da mulher, contudo, “cedendo às modificações de seu tempo”:

Eu confesso que tenho pela chamada emancipação política da mulher uma repugnância invencível.

Custa-me infinitamente a compreender essa nova figura hybrida, que a civilização moderna tem produzido e vai produzir mais e mais.

Fui educada sob a influencia de idéias que já não coadunam com o momento atual. (...) Não sucede hoje assim. A gente é que tem de se modificar rapidamente para seguir as modificações do seu tempo.

(...) O século XX verá a mulher trabalhando ao lado do homem, correndo com ele em todas as carreiras liberaes (...) (CARVALHO, 1899, p.133).

Maria Clara da Cunha Santos na coluna *Carta do Rio*, da mesma revista, parabeniza a nova forma de pensar de Carvalho, a qual ela considera “mais pratica e mais positiva” (CUNHA SANTOS, 1899, p.121). É importante ressaltar, através desse exemplo de mudança de perspectiva de Carvalho, que as escritoras dos últimos anos do século XIX já problematizavam aquele ideal que pregava que “a mulher devia se instruir para embelezar a

vida de seu companheiro de existência, do eleito de su'alma, para se tornar a flor delicada do lar” (CUNHA SANTOS, 1899, p.121). Nesse momento, elas viam a instrução como possibilidade de possuir uma profissão e se inspiravam em exemplos de mulheres estrangeiras bem sucedidas profissionalmente, para conclamar outras mulheres a seguirem o mesmo exemplo.

Outro destaque seria a forte influência da literatura portuguesa no Brasil do século XIX. Observamos que ao fazer indicações de leituras para as moças, Elisa Lemos lembra de cinco autores portugueses – Herculano, Garret, Castelo Branco, Castilho e Maria Amália Vaz de Carvalho. Segundo Regina Zilberman (2002), o baixo custo das obras estrangeiras comparadas com as nacionais provocava um domínio da literatura portuguesa no mercado brasileiro. Além de um mercado brasileiro atraente, “desde a década de 1830 os livros portugueses vinham sendo pirateados pelas tipografias do Rio de Janeiro principalmente, fazendo de Almeida Garrett uma de suas primeiras vítimas” (p.35). Dessa forma, torna-se compreensível o fato de Lemos lembrar apenas de autores pertencentes ao cânone literário português e de filósofos franceses em seu artigo.

6. Indicações literárias para pessoas *solidamente instruídas*

Finalizando seu artigo, Elisa Lemos lembra outros dois franceses: Julio Verne e Lamartine. De acordo com a autora, “Julio Verne pôde ser lido proveitosamente, visto haver em suas phantasias um fundo moral e instructivo”. Verne, famoso por suas obras de cunho ficcional como *Volta ao Mundo em 80 dias*, as *Vinte Mil Léguas Submarinas*, *Ao Redor da Lua* e *Cinco Semanas em Balão*; apesar de explorar o mundo conhecido e desconhecido, ao tratar das relações humanas demonstra-se bastante conservador quanto às relações de gênero.

Na referência a Lamartine, a autora condena sua leitura por jovens leitoras inexperientes, pois “sendo um sentimental delicadíssimo, o seu lyrismo pode perturbar a imaginação chimerica da donzella e excitar-lhe o desejo de ver-se ao lado de um Raphael ou de ser uma Graziella”. A *Revista Universal Lisbonense* (1841-1859) publicou, em 1849, uma crítica de autoria desconhecida quanto ao livro *Raphael*, de Lamartine. Nesta, o crítico não-nomeado, além de considerar o amor de *Raphael* puro e ideal, destaca a obra como a “melhor obra de Lamartine, a mais rica e famosa jóia de sua coroa de poeta”. Segundo ele, “as

pulsações do coração que se reflectem n'aquelas paginas, não se contam depois dos 50 annos; é só dos 20 aos 30 que a penna as sabem traduzir".⁷

De acordo com Gabrielle Houbre (2000), no artigo *Como a literatura chega às jovens: França, primeira metade do século XIX*, o gênero romance era visto com maus olhos pela sociedade, porque, após o sonho com o príncipe encantado produzido pela leitura romanesca, a moça “recusava-se” a casar com aquele escolhido pelos seus pais. Acreditava-se que “o romance poderia corromper a jovem, mergulhar em devaneios lânguidos ou exaltações febris; privando-a de sua inocência, fazendo-a perder a alma e pondo em risco sua educação” (p. 14). Dessa forma, havia um combate contra os romances, principalmente aqueles que privilegiavam “largamente o amor”, pois “por trás de uma ilustração pomposa poderia ir escondida a traça daninha que imperceptivelmente iria roer os corações e os cérebros do lar” (VIEIRA *apud* HELLER, *op. cit.*, p.257).

Após considerar Lamartine impróprio para as moças, Elisa Lemos faz a seguinte ressalva: “Lamartine deve ser franqueado às pessoas solidamente instruídas, e que lêem tudo sem que cousa alguma lhes seja prejudicial”. Podemos inferir que, para Lemos, os romances são apropriados para pessoas com mais experiência de vida e de leitura, pois essas já não esperam encontrar o amor de *Raphael* ou, podemos pensar, a aventura nos braços d’*O Primo Basílio*.

Considerações finais

Após analisarmos o texto da coluna *Palestrando em São João del Rey*, de Elisa Lemos, e os critérios de valoração utilizados pela autora, empregando teorias contemporâneas acerca de arquivos, bem como da crítica feminista, e ter tecido considerações quanto à educação feminina no século XIX e sobre a releitura da tradição empreendida pela autora, acreditamos que tal estudo possibilitou-nos repensar a constituição da identidade feminina em fins do século XIX.

A pesquisa em arquivos, na busca dos rastros deixados pelas mulheres da imprensa oitocentista, possibilita-nos problematizar as relações de gênero e a forma como a tradição está sendo lida. Para discutir essa questão, no artigo *A Mulher do futuro*, Maria Amália Vaz de Carvalho argumenta que “o ideal que educou a mulher na adolescência era o de Legouvé, o de Michelet, o de Aimé Martin. Era o que junctava no lar purificado e simples a mulher e o

⁷ Crítica publicada na Revista Universal Lisbonense nos números 14,18,20 e 21.

homem do lado do berço da criança” (CARVALHO, 1899, 134). Era esse ideal de educação que permitia a constituição familiar burguesa e patriarcal e que mantinha a mulher como “escrava do lar”. Desta forma podemos pensar a preferência de Lemos por autores canônicos – em seleção de escritores *indispensáveis na bibliotheca de uma moça* - como tentativa de conservação de uma tradição que, ao mesmo tempo em que privilegia a manutenção da família patriarcal, perpetua papéis de gêneros assimétricos, pois responsabiliza somente a mulher pelo bem estar da família.

Elisa Lemos, ao recomendar leituras para que as mães indiquem à nova geração, sugere um ideal estético de imitação para suas contemporâneas. Essa manutenção da tradição, à época vivida pela autora, indica um ideal de que as moças *donzellas* da nova geração precisam ter a mesma base educacional das escritoras experientes, porque o ideal republicano, naquele momento, exigia que as mulheres assumissem o papel de mães e a consequente responsabilidade pelos filhos da nação. Desse modo, pregava-se que a mãe deveria instruir-se para a manutenção da família, cuja finalidade seria o bem da pátria.

Ao utilizarmos a crítica feminista articulada ao estudo de fontes primárias, percebemos que as mulheres do século XIX, influenciadas pelos escritores franceses e romancistas portugueses, pareciam acreditar que a instrução ideal seria aquela que visasse à educação moral e o bem da família. Nesse processo, escritoras como Elisa Lemos reproduziam ideais burgueses que constituíam o lugar social da mulher como marginal e subordinado. No entanto, esse mesmo discurso conservador abria margem para que as mulheres obtivessem, ainda que através de um discurso paternalista, uma certa emancipação em termos de acesso ao conhecimento formal.

Referências

Fontes Primárias:

A FAMÍLIA: Jornal Literário dedicado a educação da Mãe de Família (1888-1897)

A MENSAGEIRA: Revista literaria dedicada á mulher brasileira (1897-1900). Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do estado/Secretaria de Estado da cultura, 1987.

A PÁTRIA MINEIRA: Organ da Idéa Republicana (1889-1894).

SEXO FEMININO: Semanario Dedicado aos Interesses da Mulher (1873-1889).

Referências:

- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Mulheres no Brasil. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.223-240.
- DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.217-135.
- DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima et alli (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte, 2002.
- HAHNER, June Edith. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HELLER, Bárbara. Vossas filhas sabem ler? In: DUARTE, Constância Lima et alli (Org.). (Org.). (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte, 2002, v. 1, p. 247-264.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O que querem os dicionários. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. ARAUJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras - Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 A 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13-34.
- HOUBRE, Gabrielle. Como a literatura chega às jovens. França, primeira metade do século XIX. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro: n.9, p.11-27, jul.2000.
- OLIVEIRA, Ricardo Santa Rita. A mãe ilustrada. Subjetivação e técnicas de si nos jornais femininos do século XIX. Disponível em: <http://www.simonsen.br/novo/revistadigital/maeilustrada.pdf>. Acesso em: 29/10/2006.
- PAZ, Octavio. A Tradição da Ruptura. In: Os filhos do barro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.17-35.
- PEDRO, Mulheres do Sul. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.278-321.
- RESENDE, Maria Ângela de Araújo. *A Republica em Folhetim: A Patria Mineira Formando Almas*. Tese de doutorado apresentado à Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- SANTOS, Elaine Cuencas. Mulheres e literatura na revista: *A Mensageira*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2000.
- SCHMIDT, Rita T. Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade. In: DUARTE, Constância Lima et alli (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte, 2002, v. 1, p. 32-44.
- TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.401-442.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. Fontes Primárias: Bastidores da Memória Cultural. *Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes*. UFOP: Ouro Preto, 2001. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/clca07.htm#03>. Acesso em: 07/04/2008.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Portuguesa no Brasil – Uma Estrangeira entre nós? *Revista Vidya*, Santa Maria: s.n, v.21, n.37, p.25-41, jan./jun.2002.

Abstract: Based on theoretical framework of primary sources and Feminist Criticism, this work aims at analyzing literary advices by Eliza Lemos, a 19th century woman writer from São João del-Rei, in her selection of “ideal” pedagogical literary readings for women. We intend to discuss her selection criteria as well as these readings’ relevance to women’s education in the *fin siècle*.

Key Words: Elisa Lemos; Education; Women